

Prefácio para Nação Crioula, livro de José Eduardo Agualusa, lançado pela editora Gryphus, em 1997

Hermano Vianna

Comecei a ler Nação Crioula no aeroporto de Lisboa. Não tenho lembranças do vôo para a Guiné-Bissau. Estava totalmente imerso nessa estranha realidade (virtual?) que só podemos acessar com a leitura de poucos romances. Quando dei por mim, não sabia mais onde tinha ido parar. Aquilo não era mais um free-shop português, muito menos um avião da TAP.

A ficção me transportou, numa viagem trepidante, para Luanda, e de Luanda para Paris, e de Paris para Olinda, e de Olinda para o Rio de Janeiro, e novamente para Luanda. Como o mais poderoso jet-lag, a literatura também provoca efeitos neurológicos bem concretos: eu perderei integralmente minha orientação geográfica. E para aumentar a confusão, na realidade, encontrava-me cercado por uma multidão africana que lotava, em plena algazarra alfandegária (só quem já passou por uma alfândega guineense pode entender o que isso significa), a sala de desembarque do Osvaldo Vieira, o sorumbático aeroporto de Bissau.

Não importavam os gritos ameaçadores - em várias línguas locais - de gente que guerreava por suas bagagens: como se nada estivesse acontecendo, como se aquela alfândega fosse a mais silenciosa sala de leitura da Universidade de Oxford, eu só tinha uma missão: chegar à última página. Ao reconhecer a minha vitória, os amigos que me acompanhavam, e que deviam estar querendo me internar no primeiro hospício, ficaram tão admirados com minha façanha que a próxima leitura daquele exemplar do Nação Crioula foi disputada como nunca me acontecera com outro livro.

Nação Crioula não prende o leitor apenas por sua história bem contada e assumidamente novelesca (tem enredo que poderia fazer sucesso na televisão, tanto quanto a Escrava Isaura). Seus méritos são mais complexos e, de alguma maneira, neo-pós-modernos.

Ao abrir sua primeira página, ainda povoava minha memória a forte impressão causada por outra leitura recente, a de Black Atlantic, do sociólogo Paul Gilroy. No seu entender, o Atlântico Negro é ao mesmo tempo um conceito e uma realidade: espaço de trocas de mercadorias, corpos e idéias, que coloca em cheque a busca de “origens” e raízes das várias culturas afro-americanas, mostrando como todas elas foram produzidas, ao mesmo tempo, de um lado e do outro do oceano, ou melhor, no trânsito inter-oceânico.

A narrativa do Nação Crioula é quase uma confirmação da hipótese provocativa e polêmica de Gilroy: a ação tem lugar no fluxo transatlântico, principalmente entre o Brasil e Angola do século passado, mostrando a invenção de um Atlântico que não é só negro, mas essencialmente mestiço, e propiciador de mestiçagens.

Tudo em Nação Crioula é mestiço. A começar pela estratégia literária de tomar emprestado uma “personagem” (também pseudônimo) de outro autor (ou criação coletiva de uma turma de autores), o Fradique Coutinho de Eça de Queirós. Pois o anarquista Fradique volta à ação, volta à vida dentro dos livros, agora protagonizando uma atribulada história de amor com uma escrava angolana. E até transforma o próprio Eça de Queirós em personagem de sua nova ficção.

Há também a mestiçagem entre a narrativa ficcional e a narrativa histórica, incluindo personagens muito “verdadeiros” da campanha abolicionista brasileira, como José do Patrocínio. Em entrevista realizada no Jardim Tropical de Lisboa, logo após minha viagem para a Guiné-Bissau, José Eduardo

Agualusa me contou que entre os motivos que levaram-no a escrever Nação Crioula estava o desejo de repensar a grande e intensa relação entre Angola e o Brasil, incluindo aí a importância dessa relação para a constante recriação das identidades culturais brasileiras e angolanas contemporâneas.

Esses motivos, preocupações e interesses não são estranhos nem artificiais, muito menos afetados, para um escritor como José Eduardo Agualusa, que tem uma biografia também mestiça, também em “trânsito”. Nascido em Angola, detentor de um passaporte angolano (hoje vivendo entre Portugal e Angola), e mais branco do que negro, ele poderia ser um exemplo daquilo que os angolanos denominam “fronteiras perdidas”, isto é, pessoas que não sabem qual é sua raça e seu lugar no mundo. Porém, Agualusa soube tirar partido dessa situação, descobrindo as vantagens de estar “entre” culturas, na fronteira, mas não propriamente perdido.

Também não estavam perdidos os escritores angolanos que abriram o caminho para a geração de Agualusa, buscando, em grande parte, inspiração na literatura brasileira (vide o impacto da obra de Guimarães Rosa em Luandino Vieira) para inventar a literatura nacional de seu país. As trocas constantes retratadas em Nação Crioula surgem então não como indícios uma possível utopia nunca realizada, mas como uma espécie de realidade paralela, muitas vezes propositadamente ignorada, que liga, há séculos, as culturas do Brasil, de Angola e de Portugal, além de outros países de língua portuguesa.

O trabalho “transatlântico” de José Eduardo Agualusa busca tornar essa realidade mais visível e atuante, multiplicando as possibilidades de contato. Por isso, ele mantém, ao lado de sua ficção (Nação Crioula foi seu terceiro romance), uma carreira jornalística que tem como principal objetivo divulgar a cultura africana em Portugal. Por isso, desenhou uma página de Web (<http://www.terravista.pt/BaiaGatas/1095/>) que traz links para tudo de interessante que acontece no mundo da língua portuguesa. Por isso, é um dos autores de Lisboa Africana, um livro-guia para o vibrante (cada vez mais!), secular e ainda pouco conhecido lado negro de uma cidade que um dia foi capital de um vasto império no além-mar.

A primeira atividade de Agualusa, todas as manhãs, antes mesmo que o lado de cá do Atlântico acorde, é ler os jornais brasileiros via Internet. Por isso conhece bem nossa ignorância diante da realidade literária de um país como Angola, e da África em geral. A utopia de uma renovada e renovadora Nação Crioula, que levasse a cabo uma mestiçagem cultural radical, está muito longe de se tornar realidade. Contudo, prefiro ser otimista: a publicação de Nação Crioula, no Brasil, pode ser muito bem um sinal de que essas coisas começam a mudar.